

Psicologia a Serviço da Libertação

Possibilidades e Limites da Psicologia na Pastoral de Aconselhamento*

Lothar C. Hoch

Introdução

A atitude da teologia em relação à psicologia tem se caracterizado pela reserva, senão pela suspeita. Isso se evidencia tanto por parte da teologia protestante européia (1) como também por parte da teologia latino-americana de libertação.

Entre os teólogos da libertação, por razões óbvias e inteiramente justificadas, a sociologia é a ciência mais valorizada como parceira da teologia. Considerações em torno do papel da psicologia para a libertação humana se constituem quase que numa exceção. (2) Tanto mais notória é a observação que G. Gutiérrez faz no livro que se tornou programático para a teologia latino-americana. (3) Ele diz: "As exigências da libertação no plano coletivo e

(*) As considerações a seguir se baseiam em palestra proferida pelo autor, em 03-10-84, na Faculdade de Teologia, em São Leopoldo, RS.

(1) Cf. E. Thurneysen, discípulo e amigo de K. Barth, e autor de um dos clássicos da poimênica: **Die Lehre von der Seelsorge**. 4ª ed. Zurique, 1976. Mesmo que ele atribua à psicologia uma função auxiliar à teologia (p. 174), postula que qualquer compreensão da pessoa humana que se apóia na psicologia ou nas ciências humanas em geral deve ser seriamente questionada, pois, segundo ele, "verdadeiro conhecimento do homem só se adquire a partir da Sagrada Escritura" (p. 56).

(2) Seria a propagação que a psicologia tem alcançado nos U.S.A. e o seu emprego nem sempre insuspeito para fins igualmente duvidosos um dos motivos dessa reserva? Seriam as características individualistas da antropologia que norteia muitas das escolas psicológicas? Valeria a pena realizar um estudo mais aprofundado das razões da postura crítica da TL frente à psicologia. Em alguns círculos, psicologia chega a ser sinônimo de safadeza ou de artifício para a obtenção de objetivos espúrios.

(3) **Teologia da Libertação. Perspectivas**. 3ª ed. Petrópolis, 1979.

histórico nem sempre incluem na forma devida à (sic!) libertação psicológica. Esta acrescenta dimensões que não existem ou não estão suficientemente integradas na primeira". (4)

Apesar desse alerta inicial, a pergunta pelo papel da psicologia na articulação duma teologia voltada para o todo da realidade humana não chegou a se firmar como tema na agenda de debates da TL.

Entendo, não obstante, que o auto-conhecimento da pessoa humana, suas motivações e suas "razões" mais profundas precisa fazer parte das preocupações duma teologia que acentua a historicidade e a falibilidade de toda a ação humana. A psicologia pode ajudar ao teólogo e ao não-teólogo a refletir criticamente e a se conscientizar das suas limitações e necessidades bem como dos condicionamentos psicológicos que o escravizam. Não considerá-los é enganar-se a si mesmo. A teologia não pode ser cúmplice duma fuga do teólogo de um confronto consigo mesmo. A encarnação de Cristo não se deu apenas para dentro de contextos sofridos da sociedade; ela se deu também para dentro das profundezas mais escuras da nossa individualidade.

É verdade que sem libertação social não há libertação individual. Isso, no entanto, não nos autoriza a entender que libertação social leve automaticamente à libertação individual. A primeira tem que ser buscada com prioridade sem que a última seja sacrificada.

E na medida em que a psicologia, desde que não esteja a serviço de objetivos intimistas ou individualistas, possa contribuir para a construção de uma sociedade e de um ser humano mais libertados, por que não usá-la?

A dimensão psicológica e a dimensão sociológica do ser humano estão inter-relacionadas. Não há razão para se levar em consideração apenas uma delas e ignorar a outra. Ambas, tanto a psicologia como a sociologia, precisam conquistar a sua instrumentalidade para o fazer teológico na medida em que elas se alinhem na perspectiva da libertação ampla da pessoa e da sociedade. Assim como nenhuma delas tem essa função a priori, a nenhuma delas deve ser vedada a oportunidade de demonstrar a sua competência.

(4) op. cit., p. 38.

A seguir tentaremos exercitar uma possível contribuição da psicologia, especialmente da psicologia pastoral, para dentro de uma área importante da prática pastoral: o aconselhamento de pessoas em situação de crise e sofrimento.

1 — Conceituação

Na abordagem da questão psicológica é empregada uma terminologia tão vasta e diferenciada que se torna necessário, ao menos preliminarmente, fazer alguns esclarecimentos conceituais.

O que é psicologia? Segundo a definição clássica, psicologia é “a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento” (Dicionário Aurélio). A psicologia assim definida se entende como uma ciência empírica. Isto é, ela não pretende pagar tributo à filosofia ou à metafísica. “Sua ambição se limita a apresentar um quadro tão conciso quanto possível dos comportamentos complexos... e de seu tratamento científico” (5)

Esse caráter estritamente científico e de neutralidade da psicologia diante da metafísica tem sido enfatizado até mesmo pela psicologia da religião. Esta, que poderia ser considerada uma parceira achegada de diálogo com a teologia, igualmente se limita a observar, descrever e analisar as manifestações religiosas como objetos e conteúdos da consciência e do comportamento humanos. Deus não pertence ao campo de interesse do psicólogo. Deus só entra em consideração na sua pesquisa na medida em que a pessoa humana se relaciona com ele através das suas ações. (6)

Todavia, esta postura clássica, descomprometida com valores de ordem espiritual a transcendente, não está mais se mantendo como linha única e exclusiva no trato da questão psicológica do ser humano. Escola psicológicas como a da análise existencial, também chamada de logoterapia (representada por Viktor Frankl), não apenas ampliam a questão psicológica para dentro da questão espiritual ou transcendental, como fazem desta o ponto central de todo o seu método terapêutico. Isto acontece na medida em que colocam a questão da busca por sentido de vida como a per-

(5) Paul Nayrac. **Manual de Psicologia**. São Paulo, 1967, p. 10; cf. também p.20. Veja igualmente Sargent & Stafford. **Ensinos básicos dos grandes psicólogos**. Porto Alegre, 1974, p. 11.

(6) Cf. Antoine Vergote. **Religionspsychologie**. Olten e Freiburg, 1970, p. 12 e 16.

gunta central da pessoa humana, estribada numa antropologia que caracteriza o ser humano como um ser essencialmente orientado para o divino.(7)

Na verdade, o que está se verificando é um fracionamento crescente da psicologia em escolas psicoterapêuticas as mais diversas, cada uma com premissas, métodos e objetivos diferentes. As escolas que mais têm encontrado ressonância nos meios eclesiais e poimênicos são a psicanálise de C.G. Jung, a terapia centrada no paciente de C. Rogers e, mais recentemente, a já mencionada logoterapia de V. Frankl. Ao lado dessas, existem outras escolas psicoterapêuticas de grande influência, tais como, a psicologia do comportamento ou behaviorismo de B.F. Skinner, a psicologia gestáltica de F. Perls e a terapia grupal de K. Lewin e J. L. Moreno. (8)

Ao lado da psicologia científica, existe ainda a psicologia popular de natureza marcadamente intuitiva. É a aptidão da pessoa da rua em observar e compreender comportamentos humanos, baseada geralmente na experiência de vida e na sensibilidade pessoal. É a psicologia do cotidiano que todo o pai e toda a mãe, consciente ou inconscientemente, emprega na educação dos filhos; é a psicologia que o vendedor ambulante, o pastor e todo aquele que lida com pessoas emprega na sua convivência diária, independentemente do seu grau de cultura. Também essa psicologia e a maneira como ela se articula merece ser conhecida pelo pastor ou pelo agente pastoral que trabalha com o povo, seja no aconselhamento individual, seja na atividade grupal e comunitária.

Para os objetivos da nossa apreciação esse breve apanhado é suficiente para mostrar que, a rigor, não é possível se falar do papel da psicologia para a pastoral de aconselhamento, pois, como vimos, a psicologia não existe como uma ciência unívoca. O

(7) Cf. Dieter Wyss. **Die tiefenpsychologischen Schulen von den Anfängen bis zur Gegenwart**. Göttingen, 1977, especialmente p. 276ss; Viktor E. Frankl. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. Editora Quadrante, s/d.

(8) Cf. **Praktisches Wörterbuch der Pastoralanthropologie**. Viena/Göttingen, 1975, col. 885ss; Werner Jentsch. **Der Seelsorger**, Moers, 1982, p. 124ss e 190s. Cf. também Gerald Corey. **Técnicas de Aconselhamento e Psicoterapia**. Rio, 1983, que oferece uma excelente visão geral sobre as diferentes escolas psicoterapêuticas. A respeito da controvérsia, para não dizer confusão, reinante na psicologia e, especialmente, na psicologia social contemporânea, cf. Aroldo Rodrigues. **Estudos em Psicologia Social**. Petrópolis, 1979, P. 15-29.

que existe são escolas psicológicas e psicoterapêuticas com as mais diferentes características. Para sermos exatos, deveríamos falar apenas das possibilidades e dos limites de uma determinada escola psicológica para a pastoral da saúde. A fim de dirimir dúvidas, pois, é necessário esclarecer que o termo "psicologia" é aqui empregado num sentido amplo, como um conceito que engloba todas as diferentes linhas e escolas de pesquisa que visam estudar e influenciar a pessoa humana a partir da perspectiva psíquica.

Devido a esse quadro conceitual um tanto confuso, nada mais oportuno do que o surgimento de uma disciplina própria que, com premissas teológicas, se acerca da pergunta pela relação entre psicologia e teologia. Trata-se da **psicologia pastoral**.

A psicologia pastoral pretende ser uma sub-disciplina da teologia pastoral. Ela resultou do diálogo e da cooperação entre médicos e pastores. Por ser uma disciplina nova, suas atribuições e seu campo de competência ainda não estão claramente definidos. (9) Claro está que ela pretende aplicar conhecimentos e recursos da psicologia à prática pastoral, seja no campo do aconselhamento, seja no da educação cristã e ultimamente também na área da pedagogia de grupo. (10)

S. Hiltner, um dos expoentes da psicologia pastoral nos USA, atribui à psicologia pastoral uma característica bipolar, na medida em que ela é ao mesmo tempo de natureza psicológica e teológica e de cunho simultaneamente teórico e prático. (11)

É certo que ainda restam ser esclarecidas muitas perguntas sobre a maneira de trabalhar da psicologia pastoral. Uma dessas perguntas consiste em encontrar uma forma de concretizar a bipolaridade, da qual fala Hiltner, de modo a que a dimensão teológica não venha a ser sacrificada. Em todo o caso, considero importante que se tenha encontrado um canal de diálogo entre teologia e psicologia e que passos estão sendo dados, de lado a lado, no sentido de superar antigos preconceitos entre ambas.

(9) Cf. **Praktisches Wörterbuch der Pastoralanthropologie**, col. 814 ss.

(10) Richard Riess. **Seelsorge**. Göttingen, 1973, p. 63, nota 103. Dietrich Stollberg entende a psicologia pastoral não apenas como uma disciplina auxiliar no aconselhamento pastoral, mas de toda a prática da Igreja. Ela presta serviços ao conhecimento teológico, ao conhecimento da pessoa humana e ao auto-conhecimento. Riess, op. cit. p. 65s.

(11) Riess. op. cit. p. 63s.

2 — Algumas considerações históricas sobre a relação entre psicologia e teologia

A relação entre a psicologia e a teologia tem passado por etapas as mais diversas através dos séculos. Nas sociedades primitivas, a cura, não importa se psíquica ou física, era uma função eminentemente e exclusivamente religiosa. Isso porque se entendia a doença como sendo oriunda da ação de poderes sobrenaturais. Assim sendo, cabia ao sacerdote ou ao xamã, o representante da divindade que tinha acesso aos seus mistérios e poderes sobrenaturais, a função de conduzir o ritual adequado para conseguir a benevolência da divindade no sentido de direcionar seus poderes de cura para a pessoa doente. Além disso, ele possuía o conhecimento das forças da divindade existentes na natureza de modo a poder indicar o tipo de plantas ou mesmo animais que podiam ser empregados na cura. (12)

Esse universo de idéias repercutiu para dentro do testemunho bíblico. Na medida em que a visão do mundo da bíblia é pré-científica, é natural que também aqui se tenha conservado uma ligação intrínseca entre religião e cura. Ao guia espiritual, fosse ele sacerdote ou profeta, frequentemente cabia tanto a função de interpretar a vontade divina, como a de intermediar a cura divina (p. ex. 2 Reis 4.32ss e 20.1ss).

No Antigo Testamento é Javé quem opera a cura (Salmo 103.3). Tanto é que não existe uma clara evidência de que houvesse médicos em Israel. (13) No Novo Testamento Jesus igualmente incorpora em sua pessoa a função de sacerdote, profeta e médico. (14) O seu poder de cura se estende também aos seus discípulos (Mc 16.17s).

Com o advento do pensamento científico e da descoberta das causas biológicas e naturais da doença, também a cura tende a ser desvinculada da influência de poderes sobrenaturais, e, por conseguinte da esfera de ação do sacerdote. As doenças físicas e psíquicas passam de forma crescente, a ser da competência secular do médico. Ao sacerdote fica reservada a tarefa de ministrar à

(12) Cf. G. van der Leeuw. **Phänomenologie der Religion**. 3ª ed. Tübingen, 1970, p. 237ss. e Adolf Allwohn. **Evangelische Pastoralmedizin**. Stuttgart, 1970, p. 21.

(13) Cf. H.W. Wolff. **Anthropologie des Alten Testaments**. München, 1973, p. 211ss. A. Allwohn op. cit. p. 24ss. Quanto à função do **ropä**, cf. igualmente Wolff, ibid.

(14) Allwohn, op. cit., p.31ss.

“alma”, considerada como uma esfera acientífica e atemporal do ser humano.

Esta dicotomia entre corpo e alma contribuiu decisivamente para a separação entre a função secular do médico e, mais tarde, da do psicólogo e a função religiosa do “cura d’almas”. Aquilo que nas sociedades primitivas era uma unidade, passou a se constituir numa dualidade. Com isso a separação entre a medicina/ psicologia, de um lado, e teologia / aconselhamento pastoral, de outro lado, era inevitável. O surgimento da psicanálise e a crítica de Freud à religião como manifestação patológica de um ser humano dependente fez com que essa relação se deteriorasse mais ainda. (15)

No terreno prático a relação entre poimênica e psicologia tem efetivamente desde então sido marcada, em traços gerais, por uma atitude de suspeita recíproca. Do lado da psicologia, ainda que o quadro se altere de acordo com a época e o lugar, se transmite a impressão de que, quando o pastor se propõe a tratar problemas de natureza psíquica, ele está avançando em terreno alheio, em área que não é da sua competência. Alguns psicólogos desautorizam o pastor a se envolver com problemas psicológicos, porque a sua intervenção dificulta a recuperação de pessoas.

Aqui no Brasil, não por último devido à posição teológica dicotômica assumida pela própria Igreja através da história, esta atitude de desconfiança, e até de desprezo, em relação à tarefa do aconselhamento pastoral tem sido sentida de forma especial em clínicas psicoterapêuticas e hospitais, onde a convivência de médicos / psicólogos e pastores é inevitável. Há obreiros que se sentem inseguros e desconfortáveis quando são surpreendidos junto ao leito de um paciente por um médico ou psicoterapeuta. Sentem-se como se estivessem atrapalhando.

Não nos cabe analisar aqui até que ponto esta sensação de insegurança é causada por uma atitude efetiva de arrogância e de desconfiança por parte de alguns médicos e psicólogos, ou se ela tem origem num complexo de inferioridade de parte do pastor. Como obreiros da IECLB, devemos reconhecer que a nossa formação é deficiente na área da psicologia pastoral e que este fato con-

(15) S. Freud. **Die Zukunft einer Illusion**. Studienausgabe. v. IX, Frankfurt, 1974, p. 135ss. Sobre o assunto, cf. J. Scharfenberg. **Sigmund Freud und seine Religionskritik als Herausforderung für den christlichen Glauben**. 3ª ed. Göttingen, 1971.

tribui para a nossa insegurança diante de profissionais da classe médico-psicoterapêutica.

No reverso dessa medalha, encontramos igualmente entre os teólogos posições pouco amistosas em relação à psicologia. Parte dessas ressalvas têm a sua origem na teologia dialética (16) que influenciou sensivelmente o pensamento teológico também na IECLB. Há um temor generalizado da "psicologização". Não encontrei quem definisse exatamente o que se entende por isso. O termo nem sequer existe na língua portuguesa. Presumivelmente se tenha em mente o psicologismo. Psicologismo é a "tendência a fazer prevalecer o ponto de vista psicológico sobre o de outra ciência, num assunto de domínio comum" e ainda "a doutrina que considera todos os nossos conhecimentos meros fatos psicológicos". (17)

A meu ver, o que se teme é que as verdades teológicas venham a ser relativadas quando se reflete sobre a possibilidade de que fatores psicológicos possam ter contribuído para alcançá-las. No fundo, o receio do psicologismo possivelmente resulta da crença de que os resultados da teologia sejam verdades "reveladas". Como tal, elas não precisam prestar contas a nenhuma outra ciência.

Na medida em que a psicologia, especialmente a psicologia pastoral, é um instrumento que aguça a nossa percepção para a realidade antropológica do nosso fazer teológico, ela, de fato, pode se tornar numa ameaça. Não à teologia que pretende ser honesta consigo mesma. Mas a alguns teólogos que têm dificuldade de se confrontarem com a sua própria subjetividade e, por conseguinte, com a relatividade do seu saber.

Para completar o quadro, é necessário dizer que, ao lado da mencionada rivalidade entre psicologia e teologia, se tem observado também uma atitude de diálogo e cooperação entre ambas.

Já C. G. Jung, filho de pastor evangélico e um dos pais da psicologia, escreveu um artigo sobre a relação entre a psicanálise e a poimênica. (18) Para ele a atividade psicoterapêutica e a poi-

(16) Cf. Antoine Vergote. **Religionspsychologie**. Olten, 1970, que traz um citado de K. Barth, no qual ele qualifica a psicologia da religião com "ciência da idolatria" (p. 14).

(17) Dicionário Aurélio.

(18) Psychoanalyse und Seelsorge, in: **Psychologie und Religion**. Studienausgabe, 2ª ed., Olten, 1972, p. 155 ss.

mênica não se excluem mas se complementam mutuamente. De uma forma um tanto simplista, ele fundamenta isso com o argumento de que do psicoterapeuta se espera ajuda médica, enquanto que do pastor ou do padre se espera ajuda religiosa. Mesmo assim, Jung tem inspirado teólogos e psicólogos na busca por uma maior compreensão e diálogo mútuo.

Uma postura mais tolerante se tem observado também em escolas psicoterapêuticas mais recentes. A discussão interdisciplinar que se observa em torno da unidade da pessoa humana em sentido físico, psíquico, espiritual e social contribuiu em muito para que o diálogo entre a teologia e as ciências sociais de modo geral tenha sido incrementado.

Aqui no Brasil merece ser mencionado o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos que, através de publicações e seminários, estimula o diálogo entre a psicologia e a pastoral de aconselhamento.

Ao lado de toda essa reflexão a nível acadêmico, convém não esquecermos, se mantém muito viva uma relação entre psicologia e religião a nível popular. O povo, especialmente nos países subdesenvolvidos e que apresentam um sincretismo acentuado, como é o caso do Brasil, jamais acompanhou a polêmica em torno da distinção erudizada entre psicologia e religião. A nível popular o curandeiro, o benzedor, o médium espírita ou umbandista sempre conservaram uma aura de poder simultaneamente religioso e secular. Aqui não se distingue entre o médico do corpo e o médico da alma, nem entre poderes naturais e sobre-naturais e, por conseguinte, também não se distingue entre conhecimento psicológico e religioso. Como teólogos, isso nos dá a pensar.

Antes de avançarmos na análise do tema, é necessário dizer que falar das possibilidades e dos limites da psicologia significa falar igualmente das possibilidades e dos limites do aconselhamento pastoral. Reconhecer os méritos de uma disciplina não significa desprezar as qualidades da outra. Assim como não queremos exaltar excessivamente a psicologia, também não pretendemos elevar o aconselhamento pastoral como a fórmula última para fazer frente aos problemas que afligem as pessoas.

Tanto a psicologia como a poimênica são tentativas humanas e, por isso mesmo, limitadas para resolver problemas. E não será com atitudes arrogantes e autosuficientes de lado a lado que

iremos avançar na tarefa comum de curar males. Isso não significa, por outro lado, diluir diferenças e deixar de apontar com clareza e objetividade crítica as limitações, as possibilidades e as características de cada uma dessas disciplinas. O Evangelho nos impele a distinguir os espíritos. Isto vale tanto em relação à psicologia, como em relação à própria teologia.

3 - Possibilidades e limites da psicologia

Como uma disciplina científica, a psicologia se propõe a pesquisar a natureza psíquica da pessoa humana e a encontrar métodos terapêuticos adequados para fazer frente a distúrbios constatados. Para isso ela se vale:

- da experiência resultante de estudos comparativos de casos;
- da introspecção que tanto o paciente, como o psicoterapeuta fazem para confrontar-se com os seus próprios mecanismos e condicionamentos psicológicos;
- da observação sistemática de pacientes e de suas reações em diferentes circunstâncias de vida;
- da análise e avaliação de dados biográficos, com maior ou menor ênfase nas experiências da infância;
- do estudo de expressões e símbolos que a própria vida psíquica da pessoa fornece, tais como sonhos e outras manifestações (p. ex. associações);
- de experimentos e testes feitos com pessoas e animais que possibilitam estabelecer padrões de comportamento ou a elaboração de um diagnóstico. (19)

Como se pode observar, a psicologia se ocupa com a pessoa humana na sua relação consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Ela não considera como sendo responsabilidade sua ocupar-se com o relacionamento da pessoa com Deus. Quem espera isso da psicologia, está sobrecarregando-a com uma tarefa que ela mesma não pretende considerar como sendo de sua competência. A psicologia é, por definição, uma disciplina antropocêntrica.

A teologia, por sua vez, e, por extensão, também a pastoral de aconselhamento, é de caráter teocêntrico. Isso significa que

(19) Cf. Reinhold Ruthé. **Seelsorge — Wie macht man das?** 2ª ed. Wuppertal, 1973, p. 18ss.

certas perguntas fundamentais para as quais a psicologia não pretende dar respostas, precisam ser respondidas pela teologia. Pode ser, no entanto, que o aconselhamento pastoral, para ser coerente com o seu teocentrismo, precise se tornar antropocêntrico para melhor cumprir sua tarefa de entender a pessoa humana.

O aconselhamento pastoral não precisa ter receio de se tornar herético quando coloca a pessoa humana no centro de suas preocupações. Também Deus se fez homem para resgatar a pessoa humana em toda a profundidade da sua humanidade. Só que, ao contrário da psicologia, a teologia e o aconselhamento pastoral não se limitam à dimensão antropológica da pessoa. O antropocentrismo é apenas provisório e instrumental. O objetivo último do aconselhamento é a relação da pessoa com Deus.

Na medida, porém, em que esta relação da pessoa com Deus se media e se concretiza no relacionamento com as demais pessoas, com a sociedade, com a natureza e consigo mesmo, o cristão, até por uma questão de obediência a Deus e na preocupação pela vivência concreta da sua fé, precisa se inteirar da situação na qual vive o seu interlocutor, inclusive da sua situação psicológica. O conhecimento da pessoa humana em todas as suas dimensões é indispensável para o trabalho com as dificuldades e com o sofrimento humano.

Portanto, na medida em que a constituição psíquica faz parte do ser pessoa, não há como excluir a psicologia da poimênica. Quem exclui a psicologia, exclui a psique e quem exclui a psique, está excluindo uma parcela marcante do próprio ser. Como podemos deixar de considerar as dimensões psicológicas em nosso envolvimento poimênico com pessoas, se são justamente fatores psicológicos que frequentemente estão na raiz de múltiplas formas de sofrimento humano? Se nós não nos relacionarmos com as pessoas nesse nível do seu ser pessoa, nós estaremos compartimentalizando o nosso interlocutor e deixando-o sozinho numa dimensão fundamental da sua vida. E, não raro, justamente naquela onde ele vem se sentindo mais sozinho e desorientado.

A seguir vou mencionar algumas áreas, nas quais entendo que a psicologia possa ser uma parceira de ajuda ao aconselhamento pastoral:

a) Cada pessoa tem necessidades e motivações de ordem física, emocional, social e espiritual que tem origens profundas e

que frequentemente são desconhecidas pela própria pessoa. Os problemas e as angústias que daí resultam bem como as soluções mais adequadas só poderão ser encontradas se a raiz mais profunda é descoberta ou, pelo menos, vislumbrada. A psicologia pode ajudar tanto ao pastor como ao pastorando a aprofundar a problemática, ou seja, a colocar a descoberto a real natureza do problema. Isto previne o aconselhamento pastoral de ser superficial na busca por soluções. Isso naturalmente exige muita cautela por parte do pastor. Ele não deve exceder os limites da sua competência e penetrar mais a fundo do que ele posteriormente tem condições de trabalhar.

b) Como todo ser humano, também o agente pastoral tem os seus receios, suas limitações e até mesmo suas angústias. De alguns destes aspectos ele tem consciência. De outros não. No trato poimênico com pessoas, essas contingências pessoais podem ser tangidas e virem à tona e prejudicar sensivelmente a sua capacidade empática e ameaçarem o seu desempenho pastoral. Em casos extremos o conselheiro poderá se confrontar com uma incapacidade total de lidar com o seu próprio problema e, por conseguinte, com o problema do outro. A psicologia pastoral é uma ajuda para o agente no sentido dele se dar conta das suas próprias limitações pessoais e de tentar resolvê-las. Por outro lado, ele também precisa ter consciência das suas potencialidades e das suas habilidades, para melhor poder colocá-las a serviço do seu interlocutor. Em resumo: a psicologia, em especial a psicologia pastoral, pode contribuir para aprofundar o auto-conhecimento pessoal do conselheiro e assim melhorar o seu desempenho pastoral.

c) Conhecimentos de psicologia podem ajudar o agente pastoral a identificar o tipo de relacionamento que se estabelece entre ele e o seu interlocutor. A poimênica é uma atividade que acontece no âmbito da Igreja, mas que escapa da suas instâncias de controle. A conversação poimênico-pastoral é de caráter sigiloso e transcorre a nível da intimidade pessoal, sendo o seu conteúdo tão imprevisível e diversificado quanto o é a própria vida humana. Isto representa uma oportunidade, mas se constitui igualmente num perigo para a poimênica. Eis que ela dá oportunidade a que se desenvolvam relacionamentos os mais diversos entre os interlocutores que precisam ser identificados pelo conselheiro pastoral. Onde isto não acontece, os parceiros da poimênica podem, sem o desejarem conscientemente, se envolver em formas de rela-

cionamento indesejáveis e prejudiciais à finalidade a que se propõem. A psicologia pastoral pode ajudar o agente pastoral a identificar já no início tais fenômenos e, com a devida habilidade e respeito, até mesmo convertê-los em um instrumento de conscientização das necessidades e desejos do seu interlocutor.

d) Como já dissemos acima, toda pessoa no trato com seus semelhantes faz uso da psicologia e de mecanismos de persuasão dos quais nem sempre tem consciência. Isso vale também para o agente pastoral ao lidar com dificuldades de outra pessoa. Assim sendo, e já que é inevitável o emprego da psicologia, é preferível que isso seja feito de forma consciente e responsável. Até porque em não sendo uma atitude consciente e planejada, existe o perigo do agente se tornar vítima dos seus mecanismos inconscientes, como por exemplo, o desejo de exercer autoridade e poder sobre o seu interlocutor ou a necessidade de ter pessoas que dependam dele.

A própria responsabilidade poimênica requer que o conselheiro pastoral tenha consciência, tão aproximada quanto possível, do que está fazendo e de que forma está empregando a psicologia. A psicologia pastoral serve para a elucidação desse fato.

e) A psicologia ajuda o conselheiro pastoral a melhorar a sua capacidade de detectar, identificar ou, em alguns casos, até diagnosticar problemas no seu parceiro de diálogo. A falta de conhecimentos básicos de psicologia pode fazer com que certos problemas psicológicos que costumam ocorrer no seio de uma comunidade deixem de ser identificados e por isso mesmo subestimados e que depois acabem se transformando em dramas pessoais e familiares. Quantos problemas de violência na família são confundidos como sendo causados por desemprego ou por desajuste matrimonial, porém, se olhados mais a fundo, se revelam como sendo fruto de um desequilíbrio psicológico ou emocional. Quantos suicídios por causas ignoradas têm a sua origem numa depressão que ninguém, nem mesmo o pastor, soube identificar. Em casos extremos, mas nem tão raros assim, encontramos obreiros nossos, na mais sincera e ingênua intenção de fé e testemunho cristão, preocupados em expelir demônios de pessoas, que, na verdade, estão acometidas de histeria ou de outras formas de doenças psicológicas. Há igualmente pessoas que nos procuram com perguntas e problemas de fé, tais como a incapacidade de

se relacionarem com Deus e que, sem o saberem, são expressões de conflitos emocionais, não raro, adquiridos já na infância.

Ou tomemos os inúmeros casos de doença, aparentemente de natureza física, que não passam de manifestações psicossomáticas resultantes de sobrecarga psicológica, tais como o stress e a falta de solução de problemas emocionais. Entre essas menciono as doenças gastro-intestinais, como a úlcera, as doenças cárdio-vasculares, como a hipertensão arterial, as doenças respiratórias, como a asma, bem como a enxaqueca e outras mais.

Para evitar mal-entendidos, quero deixar claro que não estou pleiteando que o pastor se ponha a tratar de casos como os que acabei de mencionar: Para isso lhe falta, geralmente, a formação adequada. E é bom que ele saiba que não é psicólogo e nem médico. O que estou querendo dizer, é que o agente pastoral deveria ter um conhecimento elementar de psicologia para poder identificar problemas de natureza psicológica e para poder encaminhar tais casos a profissionais competentes para deles tratarem. Para alguns pastores não é fácil aceitar o fato de que eles não são a pessoa indicada para tratar de todos os problemas que surgem em sua comunidade. Nós precisamos aprender a delegar tarefas. As vezes delegar é a melhor maneira de ajudar. Mas para isso precisamos, antes de mais nada, aprender a distinguir o que é e o que não é da nossa competência pastoral!

Reconhecer as possibilidades da psicologia para o serviço pastoral na Igreja tendo em vista a libertação ampla da pessoa e da sociedade, não implica em deixar de apontar para os seus limites.

Enquanto a psicologia tradicional tem procurado a origem dos problemas no passado, mais precisamente, na trajetória biográfica das pessoas, a teologia e a pastoral de aconselhamento enfatizam que o nosso comportamento não se deriva exclusivamente de nosso passado pessoal, mas pode ser marcado pela ação de Deus que incide sobre nossa vida. Isto é, a teologia é porta-voz de uma mensagem que rompe com o determinismo que considera o presente como um simples desdobramento de condicionamentos adquiridos na infância. A teologia está aberta para uma ação de Deus que rompe esquemas fixos e redimensiona a vida individual e coletiva em moldes totalmente novos e imprevisíveis.

Isso significa que, ao contrário da psicologia, a teologia não aposta unicamente na pessoa humana, seja ele psicólogo ou

pastor, ou em recursos humanos na solução de problemas. Ainda que uma teologia da encarnação reconheça que a ajuda de Deus é mediada através da ajuda humana, ela se nega a confiar no próprio ser humano como fonte de todo o potencial terapêutico necessário para a sua libertação total. A teologia proclama o caráter “extra nos” da verdadeira salvação. Em outros termos: ela tem consciência de que o pecado faz parte de nossa natureza humana. Isso não a impede de valorizar o potencial humano para auto-ajudar-se. Nem tampouco transfere e delega para Deus o que é de competência e responsabilidade humana. A consciência do pecado é expressão teológica do reconhecimento da incapacidade do homem de ser ele mesmo o artífice da plenitude de vida pretendida pelo Criador. Nós, luteranos, falamos aqui de justificação por graça.

Isso não significa que a teologia se considere uma ciência superior. Tanto ela como as demais ciências não possam de instrumentos humanos e, portanto, limitados na tentativa de mediar a plenitude de salvação. Cabe a ela, todavia, de modo especial a tarefa de alertar para o perigo de que o conhecimento da ciência e suas pretensas soluções sejam adorados no lugar do Criador (a psicologia tem sido o instrumental predileto na manipulação ideológica de pessoas e sociedades inteiras). A teologia entende que a psicologia, como qualquer outra ciência, podem, no máximo, levar a pessoa humana até ao limiar de si mesma, confrontá-la com suas potencialidade e suas limitações. Mas não pode passar disso. (20) Pois, para a teologia, o homem está vocacionado e direcionado para além de si mesmo. Seu marco referencial é a transcendência. O objetivo último é que **Deus** seja tudo em todos (1 Co 15.28).

4 — A questão do individualismo

A psicologia como de resto também a pastoral de aconselhamento têm sido acusadas de operarem como um conceito individualista de pessoa. Diz-se que ambas isolam a pessoa do seu contexto e lhe oferecem ajuda de uma forma privatizada e parti-

(20) Paul Tillich afirma que “as perguntas fundamentais com as quais a psicoterapia termina só podem ser respondidas no campo da teologia”, citado em W. Jentsch, op. cit., p. 70. Isso, no entanto, não dá ao pastor ou agente pastoral o direito de cultivar algo como um “complexo de messias”, ou seja, a consciência de ser o salvador do outro (cf. Rollo May. **The Art of Counseling**, 1939).

cularizada, sem levarem em conta o contexto social e estrutural no qual se insere o indivíduo.

Essa crítica, em muitos casos, efetivamente é procedente. Em círculos onde certas escolas de psicologia norte-americana exerceram maior influência sobre a pastoral de aconselhamento esse traço individualizante se fez sentir com maior evidência. Cabe à antropologia cristã corrigir tais distorções. Poimênica é uma função eclesiológica. É o cuidado mútuo dos membros do corpo de Cristo. (21) A psicologia pastoral precisa, portanto, levar em consideração a sociabilidade da pessoa humana e a sua inserção em estruturas sociais que causam sofrimento e opressão.

A teologia luterana deve manter viva a fundamentação eclesiológica da poimênica pois ela está arraigada em sua tradição. (22) Os Artigos de Esmalcalde descrevem a poimênica como sendo um "mutuum colloquium et consolatio fratrum" ("diálogo mútuo e consolação entre os irmãos"). O próprio Lutero anima a cada um dos fiéis a colocar o seu corpo no "seio da comunidade e a procurar ajuda na comunhão do corpo espiritual" e que, por sua vez, cada um "carregue o sofrimento da comunidade". (23)

Este deve ser o espírito teológico que norteia o aconselhamento pastoral. Este também deve ser o critério que determina o emprego da psicologia no aconselhamento, ali onde existe o perigo de um estreitamento individualizante. A rigor, nem se deveria falar de um aconselhamento pastoral e, sim, de um aconselhamento comunitário.

Na prática, porém, o que se observa no seio de nossas comunidades eclesiais é a tendência de se formarem círculos de mexerico e bisbilhotice, em vez de células duma comunidade terapêutica, regidas pelo espírito do amor fraterno. Assim, as pessoas, ao invés de se sentirem animadas a confiar as suas dificuldades e aflições à "comunhão dos santos", confessada no Credo Apostóli-

(21) Cf. Lothar Hoch. **Seelsorge und Gemeinschaft**. Dissertação. Marburg, 1979, p. 53s, 166, 214ss, 239ss.

(22) Na vida pessoal de Lutero a confissão individual e particular foi de grande relevância. Ele permaneceu grato até ao final de sua vida ao seu confessor Staupitz por este ter-lhe ajudado a conhecer o Deus da graça. Ressaltar a importância da confissão individual não significa, porém, negar o seu caráter eclesiológico. Também esse aspecto se constitui num desdobramento do serviço mútuo dos membros do corpo de Cristo.

(23) Cf. o seu "**Sermão do digníssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e das Fraternidades**", de 1519. Citado em A. Allwohn, op. cit. p. 186.

co, elas, com medo de serem incompreendidas e expostas, preferem buscar a proteção do diálogo individual junto a alguém em quem podem confiar. Desta forma, a falta de comunhão cristã no seio das nossas comunidades se transforma na contingência que leva as pessoas a procurarem auxílio em termos individuais, tanto dentro da Igreja, como também fora dela.

É necessário, portanto, que a crítica ao individualismo da poimênica, ali onde ela é justa, se faça acompanhar da crítica ao contexto eclesial e social que faz com que as pessoas prefiram o anonimato da ajuda individual e privada. Esta forma de procurar ajuda, não raro, é conseqüência do fracasso da comunidade maior de integrar, compreender e edificar pessoas em crise.

Torna-se imprescindível, todavia, distinguir entre uma entrevista de ajuda a nível individual, de pessoa a pessoa, de uma intervenção que, consciente ou inconscientemente, opera com um conceito individualista de homem. No primeiro caso poderá se tratar de um problema que, pela sua natureza, exige um tratamento personalizado e até mesmo sigiloso, enquanto que no segundo caso o individualismo é fruto de uma cegueira que leva em consideração apenas os sintomas do sofrimento e não as suas verdadeiras causas estruturais.

Uma poimênica ou uma psicologia pastoral, por sua vez, que levam em consideração a dimensão social do ser humano, jamais se restringirão a prestar auxílio na esfera individual, ainda que esta seja temporariamente necessária e adequada. Muito pelo contrário, o auxílio individual prestado a uma pessoa será um passo na sua capacitação para uma vida integrada na comunhão maior da igreja e da sociedade. O aconselhamento individual não deveria, a não ser em casos especiais, ter uma finalidade em si mesmo. Ele tem uma função instrumental, qual seja, a de contribuir para que a pessoa consiga viver em sociedade e seja habilitada a lutar por uma comunidade e uma sociedade mais justa e fraterna.

Também pelo lado da psicologia se faz sentir de modo crescente a preocupação de englobar a dimensão social nas suas considerações e pesquisas. Até mesmo nos U.S.A. uma pesquisa com professores e estudantes pós-graduados de psicologia, realizado em 1974, já apontou que a "relevância social foi o tema mais frequentemente citado pelos entrevistados como constituindo um dos problemas principais da psicologia de hoje". (24) A psicologia so-

(24) Aroldo Rodrigues. **Estudos em Psicologia Social**, p. 20.

cial tem efetivamente se inspirado no “anseio de colocar os conhecimentos da psicologia a serviço da solução dos problemas sociais contemporâneos”. (25) É verdade que em termos de América Latina pouco se tem feito nesse sentido. Mas os primeiros indícios de uma apropriação da psicologia para uma finalidade libertadora já se fazem sentir. (26)

5 — A dimensão antropológica da teologia

A psicologia pastoral pretende ser um instrumento que aguça a nossa percepção para a realidade antropológica do fazer teológico e do nosso trabalho poimênico. (27)

Poimênica não é um acontecimento vertical, no qual um dos atores, o pastor, está numa posição fora do tempo e do espaço, como uma personificação do próprio Deus capaz de transmitir a Palavra de forma direta para um ser humano em situação de prostração e escuta passiva. Poimênica é, isto sim, um acontecimento inter-humano e histórico, desempenhado por personagens que têm sua trajetória pessoal marcada por uma série de acontecimento que passaram a fazer parte constituinte do seu ser. E através dessa sua constituição pessoal o cristão media a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, que o incumbiu e capacitou para o desempenho desta tarefa. Não existe o ser cristão e o ser poimênico fora do ser pessoa, pois o ser cristão só é possível como um ser histórico, incarnado. Isto significa que a pessoa humana não consegue transmitir e nem tampouco captar a palavra de Deus senão num embrulho de condicionamentos humanos. E dentre estes condicionamentos se inclui também a psique humana.

A psique é um aspecto da realidade de cada pessoa, talvez, um dos mais difíceis ao qual tem acesso. E na medida em que a psicologia contribui para que esta realidade do ser humana se torne mais transparente e revele suas profundezas e suas faces ocultas, a teologia e a poimênica podem valer-se dela. A poimênica o fará com o intuito de melhor fazer incidir o Evangelho sobre as esferas mais escuras do nosso ser, para que o senhorio de Cristo também ali se manifeste.

(25) Ibid.

(26) Segundo A. Rodrigues, os estudos do uruguaio Jacobo A. Varela apontam nesse sentido.

(27) Cf. Klaus Winckler. Die Funktion der Pastoralpsychologie in der Theologie. in: Richard Riess. **Perspektiven der Pastoralpsychologie**, Göttingen, 1974, p. 105ss.

Poimênica é a intervenção pastoral e comunitária em amor fraternal que visa restaurar a vida em todas as suas dimensões ali onde ela se encontra ameaçada, através de uma ação libertadora que busca restabelecer um relacionamento sadio da pessoa consigo mesma, com a sociedade e com Deus.

É evidente que, como uma esfera parcial de manifestação do nosso ser pessoa, a psique não pode ser supervalorizada em detrimento de outras dimensões da vida integral. Isso, por sua vez, não nos autoriza a supervalorizar outras faculdades humanas. Isso ocorre, por exemplo, cada vez em que caímos na tentação de considerarmos a razão como o instrumento exclusivo de fazer teologia e poimênica. Tendemos a achar que quanto mais racional é a teologia, tanto mais protegida ela está da subjetividade. Esquecemos, no entanto, que, assim procedendo, damos exclusividade a apenas um aspecto do ser pessoa e descartamos as demais como instrumentos úteis na mediação da verdade. A nossa emoção, por exemplo, é uma das primeiras que costumamos desqualificar e expurgar na sua competência teológica.

Disso resulta a entrega da dimensão psico-emotiva da pessoa humana à sua própria sorte, ou melhor, expulsando-a do círculo nobre da teologia acadêmica, a deixamos ao domínio dos carismáticos da fé, aos operadores de milagres que atuam entre as camadas marginalizadas da população e, não por último, deixamos que ela passe a ser usada como instrumento de eficácia comprovada na criação de necessidades artificiais de consumo na disputa de fatias do mercado consumidor.

Oxalá aprendêssemos a fazer teologia com todas as faculdades e dimensões do nosso ser pessoa! Ou que, pelo menos, nos apercebêssemos dos componentes antropológicos, inclusive inconscientes, daquilo que defendemos e pregamos como sendo a mais pura revelação divina!

Nós não somos criados por Deus para outra finalidade, exceto a de sermos pessoa. O pecado do homem, do Adão, foi justamente o de querer ser mais do que pessoa humana. A vinda de Jesus Cristo em forma de homem resgatou a dimensão humana como nossa soberana vocação divina. Se Deus não o considerou um ultraje tornar-se pessoa humana em Cristo, então não há razão para aspirarmos algo além da verdadeira humanidade.

Jesus Cristo incarnado representa o resgate de todas as faculdades humanas — inclusive a psicológica — como dignas de serem instrumentos de serviço a Deus, ao próximo e ao fazer teológico. A humanidade de Cristo nos anima e nos autoriza a investir todos os recursos e todas as dimensões da nossa humanidade em busca da libertação da pessoa e da sociedade. A cruz de Jesus Cristo, no entanto, é o sinal e a advertência de que a verdadeira humanidade e a verdadeira libertação permanecem um alvo inatingível. A sua cruz representa o juízo da nossa capacidade humana de auto-libertação. A sua ressurreição testifica que qualquer vitória é uma vitória do próprio Deus. Cruz e ressurreição julgam também a psicologia como instrumento capaz de nos levar à verdadeira humanidade. Julgada sua eventual pretensão de ser um instrumento salvífico, a psicologia pode ser utilizada como uma ajuda para entender melhor a pessoa e a teologia humana. A sua contribuição, porém, fica restrita à esfera do provisório. Mas enquanto não vivermos na esfera última da nossa destinação, precisamos da mediação das esferas provisórias e punítimas. Pois, enquanto seres históricos e sujeitos às limitações de tempo e espaço, o Evangelho não nos alcança fora das mediações espaço-temporais. E enquanto a psicologia nos confronta com essas limitações, ela é um instrumento útil. Ela ajuda a desnudar a nossa humanidade. (28) A teologia e a poimênica, por sua vez, enquanto veículos do perdão de Deus, nos capacitam a assumir toda a nossa humanidade. Só humanidade assumida é humanidade perdoada.

(28) É evidente que nessas reflexões está implícita uma certa postura diante da pergunta pela relação entre a teologia e as ciências sociais. A questão que se coloca é: em que medida o emprego da psicologia não compromete automaticamente aquele que a usa com todo um conjunto de premissas ideológicas e antropológicas avessas à teologia? Para mim a questão está na mesma linha da pergunta se alguém pode utilizar o instrumental marxista de análise da realidade sem se tornar marxista. Pessoalmente entendo que não existe um instrumental de análise, seja da realidade social, seja da realidade psicológica do ser humano, ideologicamente neutro. Preciso por isso estar consciente desses pressupostos ideológicos e me posicionar criticamente diante deles. A teologia pode se valer de instrumentais de análise social ou psico-social, desde que mantenha sua autonomia diante dos pressupostos dessas ciências. Concordo com Clodovis Boff quando ele afirma que o teólogo, de um lado, não pode aceitar as absolutizações das outras ciências, mas, por outro lado, não deve deixar de aproveitar seus resultados para melhor situar seu próprio discurso (cf. **Teologia e Prática**, Petrópolis, 1978, p. 115). Verdadeira fé não precisa se sentir ameaçada nem pelos resultados da análise psicológica, nem pelos da análise marxista!

Conclusão

Com a crescente estratificação social que se verifica na América Latina em geral e no Brasil em particular, a busca por auxílio psicológico e psicoterapêutico passou a ser um privilégio para alguns poucos abastados. Fica a pergunta: a quem recorre o pobre para trabalhar os efeitos psicológicos do desemprego, da submoradia, da fome, da doença e da incerteza sobre o dia de amanhã? Para mim é evidente que todo esse quadro gera angústia, desespero e revolta.

Isso me leva a crer que a necessidade de auxílio psicológico não seja um privilégio único da classe abastada. A diferença está no fato do rico poder pagar um "divã", enquanto que o pobre não o pode. Mas às vezes chego a me perguntar em que medida as salas repletas da benzedeira, da cartomante e do jogador de búzios, a bola de cristal do astrólogo, as sessões de umbanda e de espiritismo e as páginas de aconselhamento em revistas baratas não são formas popularizadas de "divãs". Estaria o povo criando um substituto para uma função que se elitizou e se tornou em privilégio de alguns poucos? E não deveria a Igreja redescobrir a importância do confessorário de uma forma atualizada e reaprender a ouvir o clamor do seu povo?

A Igreja, a meu ver, vendeu por um prato de lentilhas o seu direito de primogenitura espiritual (aqui entendida como a vocação de oferecer uma orientação genuína e libertadora a pessoas em crise) à psicologia elitizada de um lado e às práticas populares e pseudo-religiosas escravizantes de outro lado.

No redescobrir da sua vocação de ser **ouvido do povo**, a Igreja precisa ter consciência de que a libertação individual e coletiva inclui a dimensão psicológica. Processos religiosos são sempre também processos psíquicos.